

A CARNE E O HOMEM

Clamou a Carne ao Homem: — “Foge à lida !
Embriaga-te e sonha ! Tudo é nada...
A Terra é a nossa vinha iluminada
E eu sou a tua noiva apeteçada...”

E o pobre cavaleiro, em desabrida,
Sôbre o corcel da mente incontentada,
Gozou, riu-se e fugiu à luz da estrada,
Procurando o prazer, de alma insofrida.

Mas veio um dia o Tempo e disse: — “Pára !”
E alterando-lhe a face nobre e rara,
Deu-lhe a velhice, amargurosa e dura.

E, ofegando na Carne, quase morta,
O Homem triste calu vencido, à porta
Do jazigo abismal da sepultura.

ANTHERO DO QUENTAL

FRÁGIL REI

Disse a Vaidade ao Homem: — “Não te dobres !
Reges a Terra e a vastidão divina...”
E o Orgulho ajuntou: — “Vence e domina,
Humilhando os mais fracos e os mais pobres.”

Disse o Egoísmo: — “A paz em que te encobres
Provém da bolsa que não desatina.
Cerra teu cofre e esquece a vã doutrina
Que elege os bons e os tolos por mais nobres.”

O Homem riu-se e reinou... Mas, veio um dia
Em que a Dor invisível, muda e fria,
Mirou-lhe as torres do castelo forte...

E o frágil rei, fugindo ao falso gozo,
Desceu triste, cansado e desditoso
Para o vale de lágrimas da Morte.

ANTHERO DO QUENTAL